

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## A COSUBSTANCIALIDADE ENTRE CLASSE, RAÇA E GÊNERO: reflexão teórica sobre os usos dos conceitos em uma perspectiva coextensiva

Pedro Henrique Almeida Bezerra<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo aborda a relação entre o capitalismo, o patriarcado e o racismo como sistemas interdependentes de exploração e opressão. Ele analisa como a propriedade privada e a divisão sexual do trabalho são pilares centrais do capitalismo, explorando principalmente as mulheres e o feminino. O patriarcado é sustentado por relações sociais de sexo, o modelo de família nuclear burguesa monogâmica e a violência. O racismo estrutural é analisado como um sistema que coloca grupos raciais em posição desfavorável na sociedade, reforçando desigualdades no acesso ao trabalho e na criminalização. O artigo também discute a conexão entre o capitalismo e o escravismo, argumentando que a escravização foi uma condição necessária para o desenvolvimento do capitalismo. Por fim, são apresentadas diferentes perspectivas teóricas sobre a relação entre o capitalismo, o patriarcado e o racismo, incluindo a tese da indiferencialidade do capitalismo, a teoria unitária, a perspectiva da interseccionalidade e a perspectiva da consubstancialidade e coextensividade das relações sociais.

**Palavras-chave:** Capitalismo; Patriarcado; Racismo.

### ABSTRACT

This article addresses the relationship between capitalism, patriarchy, and racism as interdependent systems of exploitation and oppression. It analyzes how private property and the sexual division of labor are central pillars of capitalism, primarily exploiting women and the feminine. Patriarchy is sustained by social relations of gender, the model of the bourgeois nuclear family, and violence. Structural racism is examined as a system that positions racial groups at a disadvantage in society, reinforcing inequalities in access to work and criminalization. The article also discusses the connection between capitalism and slavery, arguing that enslavement was a necessary condition for the development of capitalism. Finally, different theoretical perspectives on the relationship between capitalism, patriarchy, and racism are presented, including the thesis of capitalism's indifference, the unitary theory, the perspective of intersectionality, and the perspective of the consubstantiality and coextensivity of social relations.

**Keywords:** Capitalism; Patriarchy; Racism.

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará (UECE); Mestre em Sociologia (PPGS/UFC); Doutorando em Sociologia (PPGS/UECE); pedro.almeida1192@gmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## 1 INTRODUÇÃO

A presente reflexão parte do entendimento da realidade através do materialismo histórico e dialético que entende o capitalismo como sistema de exploração e opressão. Assim como a propriedade privada não foi uma invenção do capitalismo, mas se constitui como um dos pilares centrais da sua sustentação; podemos nos perguntar por quais formas o racismo, o sexismo, o machismo e a LGBTQIA+<sup>2</sup> fobia se conformam enquanto sistemas simultâneos que ajudam a legitimar e reproduzir o capitalismo como sistema totalizante e totalizador?

Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo suscitar reflexões sobre a relação entre o capitalismo, como sistema de exploração e opressão, e o patriarcado e racismo como seus similares interdependentes através do conceito de cosubstancialidade. O entendimento dessa relação é pertinente para desvelar as formas pelas quais o capitalismo se vale da exploração e opressão a ele convenientes nos momentos estrategicamente definidos tendo por objetivo a sua autovalorização. Tal movimento tem o potencial de subsidiar e questionar a forma como as políticas públicas e o Estado encaram esse debate.

<sup>2</sup> O Manual de Comunicação LGBTI+, elaborado pela Aliança Nacional LGBTI+ denomina as identificações na sigla da seguinte forma: L (lésbicas): Mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outras mulheres; G (gays): Homens que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outros homens; B (bissexuais): Diz respeito aos homens e mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelos gêneros masculino e feminino. Ainda segundo o manifesto, a bissexualidade não tem relação direta com poligamia, promiscuidade, infidelidade ou comportamento sexual inseguro. Esses comportamentos podem ser tidos por quaisquer pessoas, de quaisquer orientações sexuais; T (transgênero): Diferentemente das letras anteriores, o T não se refere a uma orientação sexual, mas à identidades de gênero. Também chamadas de “pessoas trans”, elas podem ser transgênero (homem ou mulher), travesti (identidade feminina) ou pessoa não-binária, que se compreende além da divisão “homem e mulher”; Q (queer): Pessoas ‘queer’ são aquelas que transitam entre as noções de gênero, como é o caso das drag queens. A teoria queer defende que a orientação sexual e identidade de gênero não são resultados da funcionalidade biológica, mas de uma construção social; I (intersexo): A pessoa intersexo está entre o feminino e o masculino. As suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal – cromossomos, genitais, hormônios, etc. – não se enquadram na norma binária (masculino ou feminino); A (assexual): Assexuais não sentem atração sexual por outras pessoas, independentemente do gênero. Existem diferentes níveis de assexualidade e é comum essas pessoas não verem as relações sexuais humanas como prioridade; +: O símbolo de “mais” no final da sigla aparece para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo. (CERQUEIRA, 2022).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## 2 RAÇA, CLASSE E GÊNERO: A OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO COSUBSTANCIADA

Em primeiro lugar abordaremos o heteropatriarcado, seus pressupostos e pilares de sustentação. Posteriormente faremos um resgate sócio-histórico sobre o racismo estrutural e suas implicações na sociedade brasileira. E por fim, analisaremos a noção de cosubstancialidade entre as determinações de raça, sexo/gênero e classe. Pode ser entendido como um sistema de opressão e exploração que se apropria do feminino, ou seja, daqueles sujeitos que são mulheres ou remetem ao feminino de alguma forma.

O patriarcado está enraizado nas relações sociais de tal forma que suas expressões se espraiam de forma ampliada, constituindo, pois um arranjo estrutural da sociedade. Segundo Cisne (2014), são três as bases de sustentação desse sistema: 1) as relações sociais de sexo; 2) o modelo de família nuclear burguesa monogâmica; 3) a violência.

- 1) As relações sociais de sexo: são aquelas pelas quais o processo produtivo material de exploração estabelece a divisão sexual do trabalho, de tal forma que os sujeito oprimidos pelo heteropatriarcado são explorados mais intensamente. "Por meio das apropriações advindas das relações sociais de raça e sexo, o capitalismo amplia um grande contingente humano disponível para os mais baixos salários, aumentando, portanto, a sua capacidade de exploração associada às apropriações do tempo, do corpo e do trabalho não pago das mulheres" (CISNE, 2018).
- 2) Modelo de família nuclear burguesa monogâmica: constitui uma estrutura de produção e reprodução da prole (força de trabalho). A hereditariedade é um mecanismo de manutenção da propriedade privada ao passo que garante a passagens entre gerações das posses pertencentes a uma família, perpetuando assim a centralidade da posse e propriedade para reprodução do

PROMOÇÃO



APOIO





capitalismo. O casamento, enquanto instituição social é celebrado por um contrato (assinado em cartório) que garante a regulação da herança e da hereditariedade das posses e bens. Logo, esse modelo de família é funcional e indispensável ao capitalismo.

- 3) Violência: são inúmeras as violências e violações calcadas nas estrutura heteropatriarcal que subjagam as mulheres e o feminino. Dentre elas: a) violência doméstica; b) violência física; c) violência sexual; d) violência estrutural (desigualdade no acesso ao mercado de trabalho, emprego e renda; e) violência simbólica (coisificação e objetificação das mulheres); f) violência psicológica (geralmente transversal e simultânea a todas as outras).

## 2.1 Racismo

O racismo pode ser entendido como preconceito, discriminação ou antagonismo por parte de um indivíduo, comunidade ou instituição contra uma pessoa ou pessoas pelo fato de pertencer a um determinado grupo racial ou étnico. Ao longo da história populações negras foram subjugadas, escravizadas, coisificadas e objetificadas em diferentes estruturas sociais. O escravismo serviu como base de sustentação de diferentes modelos econômicos e apesar da sua abolição, as relações e preconceitos caracterizadas pelo racismo se perpetuam e reproduzem na vida social. O capitalismo faz uso das desigualdades raciais de acordo com as funcionalidades a ele atinente.

Similar ao que acontece no caso das mulheres, as pessoas racializadas sofrem com a subalternização na sociedade capitalista. São delas os menores salários, a maior dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, a maior criminalização e encarceramento. Logo, fica destinado aos homens brancos e heterossexuais os melhores empregos, mais bem remunerados e com maior prestígio no mercado de trabalho. As mulheres negras e LGBTQIA+ estariam então na base da pirâmide das opressões e *des-privilégios*. Já o racismo estrutural é a estrutura formal de um

### PROMOÇÃO



### APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais, sociais e interpessoais que coloca um grupo social ou étnico em uma posição desfavorável com relação ao conjunto da sociedade.

## 2.2 Capitalismo e Escravidismo

Partindo de uma compreensão sócio-histórica da realidade, Ianni (1978) afirma que o processo de acumulação primitiva que resultou na transição econômica, política e social do feudalismo para o capitalismo foi subsidiada pelo comércio de prata, ouro, fumo, açúcar, algodão e outros produtos coloniais advindos das Américas.

Logo, é possível afirmar que foi no marco do capitalismo comercial que se consolidou e generalizou o trabalho compulsório (escravismo) no "Novo Mundo". Foi pois, nesse contexto histórico que se gestou o trabalhador livre europeu de um lado e o trabalhador escravo nas Américas. Dessa forma, o escravo, negro, mulato, índio e mestiço estiveram na origem do proletariado.

Dessa forma, é possível afirmar que a escravização foi uma condição necessária ao desenvolvimento do capitalismo. Marx (2013) considera que a acumulação primitiva não é o resultado do modo de produção capitalista, mas seu ponto de partida. Primitiva, por que ela é a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde. Então, o capitalismo teve na escravidão um de seus aspectos constituintes e isso trará implicações diferentes ao redor do mundo.

O racismo é endossado, reafirmado e reproduzido com base nas chamadas teorias racialistas: o mito da superioridade do trabalhador branco (descarte do trabalho negro em detrimento da importação do trabalhador branco europeu que traria consigo elementos culturais capazes de civilizar o Brasil). A crença nesse mito traria como implicação a política de branqueamento no país: enquadramento negro na "civildade branca" ou "mundo dos brancos". Para participar desse mundo o negro e o mulato eram impelidos a se identificar com o branqueamento psicossocial e moral.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

No processo de implementação do capitalismo tardio no Brasil, o trabalhador nacional descendente de africanos foi marginalizado e estigmatizado satisfazendo o ideal de branqueamento das elites. Dessa forma, o negro, na condição de pessoa não mais escravizada, é relegado como sobra na periferia do sistema de trabalho livre. O racismo é remanipulado de forma a atender os interesses do capitalismo. A população negra irá ocupar os cargos de menor prestígio e remuneração aos brancos. As desigualdades se acentuam quando pensamos o recorte de gênero em que homens brancos heterossexuais ocupam o topo da pirâmide e as mulheres negras LGBTQIA+ a base.

O posicionamento da população negra no mercado de trabalho após abolição ocorreu por duas vias: a reabsorção no sistema de produção (fundário cafeeiro) em condições análogas as anteriores; ou a degradação da sua situação econômica incorporando-se à massa de desocupados e de semi-ocupados da economia de subsistência do lugar ou de outra região. Em locais onde havia uma alta no níveis do trabalho, as pessoas não mais escravizadas tinham que concorrer com a mão de obra importada da Europa e acabava preterida com relação a ela (FERNANDES, 2008).

Uma forma de disciplinamento dos corpos e vidas dos chamados "negros libertos" foi a alcinha mecanismos de coerção desses. O termo "classe perigosa" foi utilizado no século XIX para designar qualquer pessoa que fosse potencial desagregador da ordem. Porém, o Código Penal de 1890 associa a noção de "perigo" aos "vadios e capoeira". A prática de resistência da população negra afrodescendente conhecida como capoeira é utilizada como insígnia para segregação e criminalização da população negra e pobre. Nesse sentido, é possível identificar a institucionalização do racismo na sociedade brasileira.

No Brasil o capitalismo utilizou o racismo como um poderoso veículo de fratura da classe trabalhadora: 1) criando formas de opressão que maximizassem a exploração; 2) fragmentando a classe trabalhadora e a desmobilizando gerando medo e desconfiança no interior da própria classe (PEREIRA; SAMPAIO, 2018).

PROMOÇÃO



APOIO





## 2.3 Cosubstancialidade

Partimos do pressuposto de que existe uma relação de opressão e exploração estrutural que relaciona o patriarcado, o racismo e o capitalismo. Entretanto, muito tem se questionado sobre se o patriarcado e o racismo seriam sistemas autônomos e independentes ao capitalismo? Ou seria o capitalismo indiferente e alheio ao patriarcado e ao racismo?

É importante partirmos do entendimento do capitalismo não só como um padrão de produção, mas como um amplo, complexo e expansivo processo sócio-histórico e político econômico. Dessa forma, é possível conceber a consubstancialidade entre o patriarcado, o racismo e o capitalismo e a indissociabilidade entre exploração e opressão.

Segundo Barroso (2018) existem quatro principais teses sobre a relação do capitalismo com o patriarcado e o racismo: 1. a tese da indiferencialidade do capitalismo sobre as opressões (Wood, 2011); 2. a teoria unitária (Arruzza, 2015); 3. a perspectiva da interseccionalidade (Crenshaw, 1989) e 4. a perspectiva da consubstancialidade e coextensividade das relações sociais (Kergoat, 2010; Saffioti, 2004; Cisne, 2014).

- 1) A tese da indiferencialidade do capitalismo sobre as opressões (Wood, 2011): parte da noção de que a relação entre exploração e opressão é meramente instrumental e contingente, ou seja, o capitalismo seria indiferente às identidades sociais das pessoas que explora e provavelmente cooptaria quaisquer opressões culturais e historicamente disponíveis. Autoras como Federici (2017) realizam um contraponto a Wood ao reconhecer que o capitalismo construiu sobre as diferenças sexuais e raciais novas funcionalidades atinentes ao capital.
- 2) A teoria unitária (Arruzza, 2015) considera que o capitalismo tem necessidade de produzir opressão. Ela defende que o patriarcado no capitalismo não

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

existiria mais como um sistema autônomo, mas sim unitário. Ela sinaliza a necessidade de entender o capitalismo não como um conjunto de leis puramente econômicas, mas antes como uma complexa e articulada ordem social que tem seu núcleo constituído de relações de exploração, dominação e alienação. No pensamento de Arruzza a opressão de gênero não é suprimida, mas ela apela para uma visão que vá além dos termos puramente econômicos.

- 3) A perspectiva da interseccionalidade (Crenshaw, 1989): pensa a forma como a raça, o gênero e a classe se interseccionam e geram diferentes formas de opressão. A autora reflete a forma como essa intersecção criam desigualdades básicas que estruturam as posições sociais. A análise interseccional parte de uma perspectiva "geométrica" e transdisciplinar sobre as opressões. Para Kergoat (2010) esse movimento tende ao entendimento das discriminações em setores isolados e fragmentados. Dessa forma, a interseccionalidade não conseguiria apreender a dinâmica complexa das relações sociais, segundo Barroso (2018).
- 4) A perspectiva da consubstancialidade e coextensividade das relações sociais (Kergoat, 2010; Saffioti, 2004; Cisne, 2014): é uma lente analítica que possibilita apreender a relação entre exploração e opressão a partir de uma "unidade de substância". Isso implicaria no entendimento de que as relações sociais são nodais, ou seja, elas forma um nós coextensivo: as relações de classe, gênero e raça se reproduzem e se coproduzem mutuamente. Logo, o patriarcado, o capitalismo e o racismo; apesar de terem particularidade que permite que cada um seja caracterizado separadamente, compõem um sistema interdependente a partir do pressuposto de que as relações são dinâmicas, fundamentais, imbricadas e coextensivas.

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## 3 CONCLUSÃO

É possível concluir que, apesar do patriarcado e do racismo antecederem o capitalismo, o que se pretende argumentar é que essas opressões sobreviveram à sua emergência e tornaram-se necessárias às relações sociais capitalistas. A valorização do modelo familiar monogâmico nuclear burguês como norma e seus padrões heteronormativos reafirmam o capitalismo como um sistema de dominação masculina de opressão e exploração das mulheres. O racismo, pela estrutura de poder, preconceito e discriminação se espalhou em todo o corpo social como herança do escravismo. Logo, a suplantação da opressão é impossível sob a lógica do capital, que a integrou de forma complexa e não linear à exploração do trabalho, sendo, portanto, indissociável da emancipação da totalidade da classe trabalhadora. (Barroso, 2018).

Nesse sentido, o capitalismo se vale e reproduz a partir das conveniências e possibilidades traçadas entre os sistemas coextensivos de exploração e opressão racistas e patriarcais. O entendimento e desvelamento do funcionamento desses sistemas mútuos é indispensável para pensarmos políticas sociais públicas capazes de contemplarem as multiplicidades e complexidades do sujeito de direitos.

## REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia. **Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo.** Outubro Revista, n. 23, p. 33-58, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/1V8ss1>>. Acesso em: 30 out. 2017.

BARROSO, Milena Fernandes. **Notas para o debate das relações de exploração-opressão na sociedade patriarcal-racista-capitalista.** Serviço Social & Sociedade, p. 446-462, 2018.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19, 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

CERQUEIRA, Renato S. **Saiba o que significa a sigla LGBTQIA+ e a importância do termo na inclusão social.** CNN PLURAL. Artigo on-line. Publicado em 28/06/2022, atualização em 09/06/2023, acessado em 25 de junho de 2023 às 19h25min. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/saiba-o-que-significa-a-sigla-lgbtqia-e-a-importancia-do-termo-na-inclusao-social/>

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics.** Chicago: University of Chicago Legal Forum, 1989.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Elefante, 2017.

KERGOAT, Danièle. **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais.** Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 86, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n86/n86a05.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher brasileira: opressão e exploração.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

WOOD, Ellen Meisins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico.** São Paulo: Boitempo, 2011.

## PROMOÇÃO



## APOIO

